

1951

Vai-se o ano acabando, e já vai tarde. É uso e costume a gente desejar feliz Ano Bom aos outros; aqui mando esses votos a leitores e leitoras que, durante o ano, tiveram a paciência de me ler.

Não tenho à mão a pasta de recortes do que escrevi este ano, e, se tivesse, não a abriria. Seria cansativo e desagradável ir revivendo as emoções e os tédios do ano. Lembro-me de que movimenteiei alguma coisa: o corpo; mas no Paraguai ou em Sergipe, em Goiás ou S. Paulo, no Acre ou em Capri, em Cachoeiro ou em Minas, no Rio ou em Lisboa, pouco mais fiz, durante este ano, do que envelhecer. No fim vejo que a alma, e o fígado, ainda vão bem — embora, a certa altura, eu tenha abusado um pouco, dela, e dele. Enfrentarei o Ano Novo com o humor calmo e firme de um veterano, que já enfrentou muitos outros; o papel é esperá-lo de cabeça erguida e copo na mão. Pode ser que este mundo, ou boa parte dele, leve a breca em 52, graças a uma sábia distribuição de bombas atômicas; mas no fundo cada um de nós tem mais medo de uma facada particular nas costas do que de uma bomba atômica geral; e quem anda de lotação no Rio de Janeiro para cá e para lá não tem medo de nada. 52 pode ser um ano difícil e, mesmo, desgraçado. Foi concebido em tempo de seca; suas safras serão mesquinhas.

Passando fora aqui uma semana, ali uma quinzena, depois outra, ou mês e meio, sempre que voltei a esta nossa bela cidade foi para encontrá-la mais atrapalhada. O Rio é hoje como uma dessas pessoas sempre perrenques, que quando não desloca um pé está com terçol e quando melhora de falta de ar sofre de lumbago. Reaparece o feijão preto, some a carne; volta a manteiga, falta luz; chegam as laranjas, vai-se a água. Vivemos de promessas, como a nova adutora e também o trem subterrâneo que é um encanamento de gente. Boiadas misteriosas marcham sobre a capital. Mas subitamente somos invadidos por passas de figos vindos de Smirna, e por rumores de conspiração. A certa altura as mulheres resolvem matar os maridos; depois todos começam a xingar o Congresso. Alguem acende o sorriso do velho, ou passa o retrato no pão; há caminhões eletrocutados, e o Braga se apaixona, se desapaixona, tira o cavalo da chuva, bota as barbas de mólho.

Olhemos sem mágua este ano de 1951; podia ser pior; e quem duvidar, que espere 1952; mas — eu já disse — de cabeça erguida, de copo na mão. Ninguém nos garante que não cheguemos ao fim dele sem copo, nem mão, nem cabeça, nem nada.

R. B.